



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

INFÂNCIA, CORPO E EDUCAÇÃO INFANTIL: DISCURSOS COTIDIANOS DE UMA INSTITUIÇÃO DE EDUCAÇÃO INFANTIL SOBRE O CORPO DA CRIANÇA

Autor (1) Elayne Eva Borges Araújo; Co-autor (1) Bruna Padilha Gonçalves; Orientador (2) Raquel Gonçalves Salgado

Universidade Federal do Mato Grosso Campus Universitário de Rondonópolis, elayneborgesa@hotmail.com

Resumo: Este trabalho tem como objetivo analisar as tensões entre os discursos sobre o corpo da criança no contexto de uma instituição de Educação Infantil, com foco específico nos discursos dos professores/as e demais profissionais diretamente envolvidos com a educação e os cuidados das crianças. Busca-se compreender os discursos de cuidados e proteção em torno do corpo da criança, dando visibilidade às questões de gênero e sexualidade. O contexto da pesquisa é uma instituição de Educação Infantil da rede pública municipal da cidade de Rondonópolis, Mato Grosso, Brasil, que abarca a creche – crianças de 0 a 3 anos – e a pré-escola – crianças de 4 a 5 anos. Participam da pesquisa crianças, professores/as e auxiliares de higienização. Como recurso metodológico, a observação participante das pessoas envolvidas na pesquisa ganha destaque no contexto de convivência e atuação, sendo realizadas entrevistas não diretas com professores/as e auxiliares de higienização; bem como intervenções junto às crianças e à equipe de professores/as a partir de questões relacionadas ao tema central da pesquisa. Por meio deste trabalho é possível pensar sobre as questões que trazem à tona o corpo da criança, com suas singularidades, prazeres, demandas, cuidados e suas mais intensas alteridades em relação ao corpo adulto, civilizado, educado e disciplinado. Tal questão se torna importante ao problematizar o binômio Infância-inocência.

Palavras-chave: Infância, corpo, discursos, gênero, educação infantil.



1. INTRODUÇÃO

Com as transformações advindas da contemporaneidade, em função das novas tecnologias que ressignificam as relações humanas e colocam em cheque as estruturas sociais que norteiam sistemas de pensamento, a infância, por sua vez, também tem sido acometida por estas transformações. No entanto, a imagem simbólica da infância continua atrelada ao sagrado, de modo que é considerada como um tempo de inocência. O sentimento que começou no âmbito da igreja e passou para a família coloca a criança como criaturas sagradas que necessitam de proteção e disciplina (ÁRIÈS, 1987). Por meio dos discursos do adulto percebe-se que tal inocência é, por sua vez, ameaçada pela sexualidade e por valores da cultura do consumo.

Por outro lado, conforme o avanço do campo teórico que investiga a cerca da infância esta concepção passou a ser problematizada. A Sociologia da infância nos permite compreendê-la como categoria socialmente constituída, de modo que as crianças são entendidas como atores sociais que interagem e modificam a sociedade em que vivem. Prout (2010) aborda a situação da infância por meio da Sociologia que se propõe a estudá-la, apontando alguns problemas pelos quais tem passado devido à complexidade da construção desta corrente, principalmente por reproduzirem, de certo modo, as dicotomias já existentes no campo da Sociologia moderna.

Tendo em vista as representações paradoxais da infância que circulam na vida social, nos discursos e na escola, reflexões a cerca do tema se torna fundamental no campo da educação. A escola é um espaço social onde discursos sobre sexualidade se proliferam como algo que precisa ser disciplinado, muitas vezes sendo tratado como segredo. Em função disso, os espaços físicos da instituição, as salas de aula, o banheiro, os pátios de recreação, o refeitório são distribuídos sob discursos de poder por meio dos quais a sexualidade das crianças pode ser controlada. Análise esta que pode ser feita por meios dos estudos foucaultianos que problematizam a respeito dos discursos de poder que permeiam sobre a sexualidade.

Le Breton (2013a), assim como Foucault (2006), entende que os espaços regulamentam as pessoas, as inscrevendo em um mundo sob medida. Do mesmo modo, sobre as crianças são produzidos espaços delimitados de forma autoritária que produzem modos de ser específicos. Le Breton argumenta que “... os jogos de criança, sua vontade de se exercitar fisicamente, são reduzidos pelas numerosas proibições que delimitam seu espaço...” (p. 167). A racionalização do corpo é exigida por meio de sua funcionalização, ao passo em que ele é privado da dimensão simbólica que o envolve.



A partir da revisão teórica realizada, é possível orientar discussões a partir dos dados obtidos durante as vivências de campo, possibilitando analisar os discursos que atravessam os corpos das crianças, o seu caráter de significá-los, bem como os que através deles são significados.

Este trabalho consiste em um subprojeto da pesquisa “Entre o sagrado e o profano: o corpo da criança nos discursos cotidianos de uma instituição de educação infantil”, sob coordenação da Prof^a Dr^a Raquel Gonçalves Salgado (CAP nº 161/PROPEq). Além disso, o projeto compõe uma das linhas do Grupo de Estudos “Infância, Juventude e Cultura Contemporânea” (GEIJIC), pertencente ao Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGEdu), da UFMT/Rondonópolis. O GEIJIC é formado por professores que compõem também o corpo docente do mestrado em Educação da UFMT, alunos do mestrado e de Iniciação Científica.

O objetivo principal do trabalho é compreender as tensões entre discursos sobre o corpo da criança no contexto de uma instituição de Educação Infantil, tais como: os discursos dos/as professores/as e outros/as profissionais; os discursos das famílias; e os discursos midiáticos que circulam na instituição. Com relação aos objetivos específicos, espera-se:

- Compreender os discursos dos adultos – professores/as e famílias – em torno do corpo da criança, que circulam na instituição educativa, suas contradições e seus entrecruzamento;
- Compreender os discursos contraditórios, em torno do corpo da criança, que se fazem presentes nas relações educativas (crianças e adultos).

Pretende-se, com este trabalho, contribuir para o debate contemporâneo sobre a infância, sobretudo no âmbito da educação de crianças e da formação de professores, uma vez que temas como sexualidade, relações de gênero e corpo infantil, são ainda de pouca ressonância na área devido ao seu forte silenciamento, como se estivessem alijados da infância.

2. METODOLOGIA

O contexto da pesquisa é uma instituição de Educação Infantil da rede pública municipal de Rondonópolis, um Centro Municipal de Ensino Infantil (CMEI). O centro recebe crianças de 0 a 05 anos, em turmas de ensino parcial e integral.

Os sujeitos da pesquisa foram crianças, professoras e auxiliares de higienização especificamente de quatro turmas, que são: turma de 2 anos do ensino integral; turma de 3 anos do ensino integral; turma de 3 anos do ensino parcial e turma de 5 anos do ensino parcial. Nas turmas do ensino integral, participaram da pesquisa as professoras e auxiliares do período matutino. Além



das crianças e da equipe profissional, também participaram da pesquisa familiares das crianças, que frequentam a instituição.

A pesquisa se desenvolveu por meio de observações participante das pessoas no cotidiano da instituição. A pesquisadora, sempre acompanhada de diário de campo, buscou interagir com os sujeitos participantes da pesquisa, a fim de analisar os discursos de cuidados e proteção produzidos em torno do corpo da criança.

As visitas a campo ocorreram semanalmente, de forma alternada entre as quatro turmas escolhidas. Para que fosse possível a seleção dessas turmas, em um primeiro momento foi realizada a observação de cada uma das oito turmas da instituição (sendo as turmas de periodicidade parcial apenas do período matutino). As turmas selecionadas foram as que durante a observação apresentaram algum aspecto pertinente ao problema da pesquisa, como, por exemplo, questões de gênero, discursos dos adultos sobre o corpo da criança e/ou a sacralização destes corpos.

3. RESULTADOS E DISCUSSÕES

3.1. TEMPOS E ESPAÇOS DA INSTITUIÇÃO: DISCURSOS SOBRE OS CORPOS DAS CRIANÇAS

A estrutura física da instituição é aspecto importante para análise das produções discursivas de cuidados e proteção em torno do corpo da criança. Embora o Centro seja referência para o município e tenha sido construído há pouco tempo especificamente para suprir as necessidades do público alvo, que são as crianças, nota-se facilmente que a arquitetura do local não as privilegia.

O pátio cercado por um terreno em desnível se torna um ponto de preocupação para as professoras e auxiliares nos momentos de lazer das crianças na área externa. Além disso, a questão dos banheiros também é assunto de frequente reclamação por parte das professoras e auxiliares. Nas turmas de ensino integral, onde o banheiro é integrado à sala, as auxiliares se queixam que precisam dar banho nas crianças sob cuidado redobrado, pois a área construída especialmente para o banho é localizada no alto de uma escada com dois degraus, revestida por cerâmica e sem função antiderrapante. O banheiro volta a ser motivo de queixa nas turmas de ensino parcial que não possuem o cômodo integrado a sala, principalmente nas turmas que não contam com o trabalho das auxiliares, uma vez que a professora precisa se dividir entre monitorar a turma e acompanhar a ida de alguma criança ao banheiro.

Uma das salas selecionadas para a continuidade da pesquisa ganhou destaque na instituição em função da agitação das crianças. A busca pelo controle destes corpos tomou grande proporção,



de modo que “o descontrole” daquelas crianças era assunto pautado em todas as outras salas com o objetivo em solucionar o problema. O que salta aos olhos nesta questão é que o desajuste das crianças à norma fora centralizado especificamente como causa do problema, de modo que questões ambientais que perpassam o relacionamento das crianças com os adultos em questão não foram consideradas.

Ao acompanhar a turma, percebemos que a situação da sala extremamente quente e abafada, bem como a troca da professora e das auxiliares que aconteceu no decorrer do ano são pontos importantes que notavelmente influenciaram a agitação dos corpos das crianças. No entanto, tais questões não foram pautadas nos discursos dos adultos.

A rotina institucional acaba sendo um mecanismo de disciplina para os corpos das crianças e que, por sua vez, acaba os tornando invisíveis. Conforme Le Breton (2013a), a vida cotidiana tem o caráter de domesticar o fato de viver. O autor explica que “... a socialização conduz a esse monismo da vida cotidiana (...), por meio do qual o corpo acaba sendo invisibilizado “... ritualmente apagado pela repetição incansável das mesmas situações e a familiaridade das percepções sensoriais.” (p. 145).

Notamos que a rotina institucional diz muito sobre as crianças. Nas turmas do ensino integral a rotina de necessidades delimitada pela instituição é muito rígida. Na parte da manhã a ida para o lanche, o banho que acaba se prolongando pelo fato de serem muitas crianças e apenas duas auxiliares - não podendo ser excluída as limitações físicas do ambiente que foram apresentadas anteriormente - e o almoço que é seguido pela hora do sono acabam preenchendo todo o período da manhã, de modo que o tempo de realização de atividades com as crianças acaba não sendo suficiente.

3.2. A DEMARCAÇÃO DE GÊNERO

Na rotina das crianças percebemos muitos aspectos referentes à demarcação de gênero. Durante as brincadeiras, é perceptível a distinção entre brincadeiras de meninas e brincadeiras de meninos. Por vezes, essa regra é delimitada pelas próprias crianças, sendo por vezes reforçadas pelas professoras e auxiliares e outras vezes as demarcações acontecem justamente em decorrência do discurso delas.

A organização da fila para o lanche é realizada na maioria das turmas de modo que a fronteira do lugar de meninas e de menino é fortemente delimitada. Há grande afínco por parte das professoras e das auxiliares em ensinar para as crianças a necessidade da distinção dos espaços por um binarismo de gênero. As crianças, por sua vez, acabam aprendendo ao longo do tempo a se



organizarem desta maneira, o que pode ser percebido ao compararmos as turmas dos bebês, na qual a distinção de gênero quase não ocorre, com a turma de cinco anos, na qual a distinção é ressaltada de forma recorrente tanto pelo adulto quanto pelas próprias crianças.

Algumas vezes essas demarcações são aparentemente mais flexíveis. Certa vez, durante as brincadeiras das crianças notamos que alguns meninos se engajavam nas brincadeiras pré estabelecidas como brincadeiras de menina. Em conversa com a auxiliar desta turma, ela relatou que aqueles meninos sempre preferem brincar com os brinquedos de meninas, que no caso eram panelinhas, fogãozinho e outros utensílios de cozinha. No entanto, embora ela não tenha dito claramente sua opinião a respeito da preferência dos meninos, só pela atitude de explicar a situação ressaltando-a sobre as outras, entende-se que há em seu discurso uma distinção de gênero mesmo que de forma subjetiva.

Em meados de junho, durante os preparativos da quadrilha a dança despretensiosa de uma das turmas da instituição exemplifica o quanto os papéis de gênero são distintos e estão fortemente demarcados na infância. Ao som de uma música que dizia “sai preguiça! Eu preciso trabalhar” as meninas se apresentavam segurando uma vassoura nas mãos, ao passo que os meninos somente dançavam. A associação da mulher ao trabalho doméstico é ensinada as crianças desde a infância, sendo legitimada e ressaltando ainda mais que há a existência de dois mundos, o dos homens e o das mulheres, que pouco compartilham. Ao analisar esta questão, percebe-se que além de representar a demarcação de gênero, a mesma também pode ser analisada como uma importante marca de controle dos corpos das crianças.

3.3. OS CORPOS PROTEGIDOS E DESSEXUALIZADOS

Embora no campo teórico a aproximação da sexualidade à infância seja comum, na vida cotidiana, o moralismo procura afastá-las veementemente (ARIÈS, 1987). Segundo Ariès, no início do século XVIII já havia a preocupação em proteger à inocência da criança, de modo que “o sentido da inocência infantil resultou portanto numa dupla atitude moral com relação à infância: preservá-la da sujeira da vida, e especialmente da sexualidade tolerada – quando não aprovada – entre os adultos; e fortalecê-la, desenvolvendo o caráter da razão” (ARIÈS, 1987, p. 91).

Nas relações das professoras e das auxiliares para com as crianças percebemos na prática a perpetuação deste discurso disciplinador que tenta as abster da sexualidade. Em uma ocasião na qual as crianças de todas as turmas estavam reunidas no pátio a coordenadora da instituição se aproximou de uma criança da turma de 02 anos do ensino integral e pediu que ele a beijasse no rosto. Diante da cena, a professora da turma parcial de 05 anos se aproximou de mim e perplexa



disse sobre o quanto achava absurda àquela situação, afirmando que, para ela, era errado uma criança tão pequena dar beijos e ser incentivada por um adulto era ainda pior.

Por meio deste discurso, nota-se que a preocupação da professora com o corpo sacro da criança está relacionada à ideia de que a criança é pura dos pecados e impurezas do mundo e que seu corpo como um templo sagrado deve ser preservado. No seguinte trecho extraído do diário de campo na mesma data em que ocorreu também a situação citada à cima, veremos outra situação que representa o pudor para com os corpos das crianças.

Finalmente ela me contou que tem percebido há algum tempo que os gêmeos da turma costumam se abraçar e beijar e que ela se preocupou muito com isso, levando tal questão para à direção. Segundo ela, a diretora disse que não poderia fazer nada, mas que ela deveria avisar a mãe sobre o que estava acontecendo. Antes disso, ela procurou a professora da tarde para ver se o mesmo acontecia também no período vespertino, porém a professora negou. Após alguns dias ela descobriu por parte das auxiliares da tarde que o mesmo acontecia à tarde sim. Diante disso, ela chamou a mãe dos meninos para uma conversa. Para ela, tal situação é extremamente complicada por dois motivos: primeiro o fato de serem crianças e depois por serem dois meninos se beijando, além do que também percebe que eles têm preferências por brincadeiras “de menina”, como bonecas e bolsinhas. Sobre a conversa com a mãe, ela contou que a mãe pediu para que ela mantenha os dois meninos separados evitando que a situação volte a ocorrer, dizendo que ela não permitirá coisas deste tipo em sua casa.

(Trecho extraído do diário de campo referente à turma de 02 anos integral. A professora citada é F. que acompanha a sala)

A professora demonstrou preocupação não só com as crianças, mas também em contar sobre o fato. No dia em que contou sobre o acontecido ela se mostrou muito desconfortável em fazê-lo, além de ter demonstrado apreensão algumas semanas depois, retomando o assunto para me dizer que por dias refletiu se deveria ter feito tal relato.

A professora deixou claro que para ela tal situação fugia completamente do que ela compreende como “normal”, de modo que se caracteriza como algo que precisa ser combatido. Em nenhum momento houve qualquer tipo de conversa com as crianças a respeito do acontecido. O que ela, bem como as auxiliares, fazem é separar completamente os dois meninos das outras crianças e de si mesmos. Todas as aproximações dos meninos; especialmente um que, segundo a professora, também já tentou beijar outra criança da turma; é bruscamente impedida por elas.

A sacralização dos corpos das crianças é percebida no discurso dos adultos e aponta para a importância que assume a proteção dos corpos das crianças. O cuidado é redobrado frente à sexualidade que sinaliza um grande risco a pureza destes corpos. A sexualidade é regulada até que seja reduzida ao silêncio, de modo que “o decoro das atitudes esconde os corpos, a decência das



palavras limpa os discursos. E se o estéril insiste, e se mostra demasiadamente, vira anormal...” (FOUCAULT, 2006, p. 10). No caso dos gêmeos, separá-los significa conter os seus corpos, os escondendo e os transformando em silêncio.

3.4. OS CORPOS DISCIPLINADOS

O controle dos corpos das crianças também é feito por meio do discurso religioso, no qual os símbolos sagrados de Deus e de Jesus são usados pelas professoras e auxiliares como mecanismo disciplinador para os comportamentos que lhes foge o domínio. “Jesus não gosta de menino que teima” e “vamos obedecer se não o papai do céu chora” são frases muito corriqueiras no cotidiano da instituição.

Aproveitando o momento da oração para Deus, fora usada a figura de um Deus controlador para explicar para as crianças que a sujeira não pode continuar sendo feita, pois assim não estariam agradando a Deus, além de desperdiçarem comida.

(Trecho extraído do diário de campo referente ao discurso da professora S. da turma de 03 anos do ensino integral)

Por meio da situação citada percebe-se que o apelo religioso fica em primeiro plano, ocultando o motivo que evocou a fala da professora. Além do que, esta questão que é frequente na fala das professoras é também uma forma de ilustrar o fato da Instituição estar embebida em um fundamentalismo religioso que não se prepara para o diferente. Deste modo, observamos como estas falas se tornam discursos de poder que preponderam sobre a os corpos das crianças.

Além do discurso proferido pelas professoras e pelas auxiliares, também é perceptível o modo como as crianças acabam aprendendo e naturalizando também a questão da “disciplinarização” de seus corpos. A música que elas mesmas cantam na fila para sair da sala pode ser usada como exemplificar a situação: “piuí tchá tchá, sem correr , sem machucar”.

Segundo Le Breton (2013a), os corpos são tratados como corpo fora de si, de modo que se tornam quase um objeto particular, podendo ser moldados. O corpo passa a ser uma construção do homem contemporâneo, construção esta que precisa ser realizada sob medida, tornando-se, assim, um empreendimento que precisa ser muito bem administrado (LE BRETON, 2013b).

Durante os ensaios para as festividades juninas, vários aspectos puderam ser observados, dentre eles alguns critérios utilizados pelas professoras para selecionar as crianças. A maioria das turmas elaborou as coreografias incluindo todas as crianças que quisessem participar, porém, algumas escolheram poucas crianças para participar.

Após terminarem a conversa as auxiliares começaram a organizar o ensaio da festa junina. Apenas um grupo de seis crianças irá se apresentar na festa. Elas escolheram as crianças que melhor fazem as coreografias e que não apresentaram nenhuma dificuldade com relação à



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

dança ou a exposição. Uma das crianças que mais se mostrou feliz com a dança foi justamente um dos meninos que no início do ano chorava a manhã toda e não se relacionava com as outras crianças. Outros demonstravam que queriam participar, mas não foram escolhidos.

(Trecho extraído do diário de campo referente à turma de 02 anos do ensino integral)

A seleção foi justificada pela professora e pelas auxiliares como uma forma de evitar tumultos durante a apresentação, mesmo porque, desta forma, ficaria mais fácil para elas (que são três nesta turma) se organizarem. Fica subentendido que a escolha é norteada por um padrão de normatividade que se espera das crianças, de modo que são escolhidos e privilegiados os corpos que mais estão em conformidade com o que lhes é ensinado, ao passo que as crianças que não se apresentam de acordo com tal harmonia são excluídas sem dó.

4. CONCLUSÃO

A partir da discussão dos dados obtidos ao longo da observação participante na rotina das crianças e dos adultos da instituição, é possível apontar alguns indicadores sobre a temática.

Ao observar as tensões entre os discursos das professoras e das auxiliares, percebemos que preponderam os discursos referentes ao controle dos corpos das crianças, seja por meio da figura do Deus disciplinador ou pela dessexualização da infância, uma vez que o corpo da criança é aproximado do sagrado. Estes discursos ainda demarcam os limites/distinção de gênero, acentuando a disparidade entre o lugar da menina e o lugar do menino.

Outro ponto considerável de extrema importância ao longo da pesquisa é como os espaços físicos e a rotina institucional dizem a respeito dos corpos das crianças. O modo como o banho e a refeição são organizadas, por exemplo, demonstra como é exercido o controle sobre elas, de modo que independentemente da situação particular de cada criança elas são reconhecidas dentro de um todo que precisa ser controlado a todo tempo.

Considerando tais resultados, observa-se que esta pesquisa assume relevância por tratar de temas, como sexualidade, relações de gênero e corpo infantil que são assuntos corriqueiramente silenciados no âmbito da educação infantil e, justamente por este motivo, levantar esta discussão é fundamental. No âmbito da instituição onde ocorreu a pesquisa, foi notória a prevalência de alguns paradigmas engessados na sociedade e, por isso, conclui-se a necessidade de dar visibilidade para essa temática de modo que cada vez mais seja possível abrir debates a respeito dela.

5. REFERÊNCIAS



III CONEDU
CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

ÁRIÈS, Philippe. **História social da criança e da família**. Rio de Janeiro: LTC, 1987.

FOUCAULT, M. **História da sexualidade: a vontade de saber**. 17. ed. vol. 1. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2006.

LE BRETON, David. **Antropologia do corpo e modernidade**. 3. ed. Petrópolis-RJ:Vozes, 2013.

LE BRETON, David. **Adeus ao corpo: Antropologia e sociedade**. 6. ed. Campinas, SP: Papyrus, 2013.

PROUT, Alan. Reconsiderando a nova sociologia da infância. **Cadernos de Pesquisa**, v. 40, n. 141, p. 729-750, set./dez. 2010.